

DA ONTOLOGIA DA FENOMENOLOGIA  
NA ANTROPOLOGIA: ENSAIO DE RESPOSTA

Rogério Brittes W. Pires

Um erro do construtivismo clássico é postular que verdades alheias seriam construídas socialmente, mas as do próprio enunciador não. Que minha visão de mundo, do fazer antropológico e da ciência sejam moldadas por meu ambiente – em particular, pelo ambiente intelectual onde me formei antropólogo – isso é trivial. Decerto, o processo de socialização vale para os praticantes de qualquer ciência. Nisso, a imagem kuhniana segue atraente (Salmond 2014). Efetivamente, no presente debate, coloquei-me na ordinária posição de cientista normal, aplainando arestas do já estabelecido (prestes a se tornar antigo) paradigma da virada ontológica – que alternativamente chamo de “antropologia simétrica”, “pós-social” ou “pós-estruturalista”.

Que a construção social dos conceitos, problemas e métodos que considero úteis para meu trabalho encerre-me numa visão dogmática, espécie de seita, enquanto os escolhidos por Verde lhe permitiriam, desamarrado, exercer a função de livre pensador – isso parece improvável. É incoerente afirmar que “as teorias são os instrumentos que empecilham o pensamento porque limitam o exercício da imaginação” (2025b: 286), após sucessões de citações a Gadamer, Heidegger, Husserl e outros, mobilizando conceitos como *Dasein*, *epoché*, círculo hermenêutico – tão complexos e obscuros para os não iniciados quanto os de Deleuze, Haraway, Stengers, ou outra filósofa favorita dos “ontólogos”. Ainda que tente convencer-se do contrário, ninguém faz antropologia “ao ar livre”, atórica, desprovida de pressupostos. Simetria não é ídolo, é princípio – ainda que passível de discussão – e creio que a tréplica de Verde ajuda a avaliar sua validade: assimetria é tomar-se como ser consciente, capaz de crítica, e ao outro como marioneta presa numa câmara de eco.

A resposta de Verde ao meu comentário a “Estrangeiros universais” decepciona. Eu buscara um engajamento crítico com suas ideias, abrir espaço para uma conversa potencialmente instrutiva sobre as divergências (e possíveis proximidades) entre sua perspectiva – marcada pela tradição fenomenológica e hermenêutica – e outras vertentes. Colocando a carranca de quem não leu e não gostou, num texto eivado de adjetivações (que nunca devem substituir argumentos), Verde mostra-se desinteressado em diálogos.

Fica a pergunta: por que alguém que diz evitar se engajar com uma corrente de pensamento escreve não um, mas três artigos atacando-a (Verde 2010, 2017, 2025a)? Será que dedica-se à tarefa de afastar potenciais novos recrutas para a terrível seita ontológica? Ou agarra-se ao filão de polemista para colocar-se no holofote? Decepcionante preencher com especulações desinteressantes

sobre as motivações de Verde esse espaço gentilmente oferecido por *Etnográfica*. Preferiria ser desafiado. Adiantando possíveis respostas de Verde, eu começava a preparar-me para pensar a posição histórica, política e teórica da fenomenologia na antropologia. Talvez começasse assim:

A adoção de um vocabulário conceitual e de um conjunto de problemas e metodologias inspirados pela fenomenologia ganha força na antropologia nos anos 1980 e 1990, tendo como expoentes nomes como Michael D. Jackson (2015), Thomas Csordas (2008; 2016; Seale-Feldman e Murillo 2023) e, de certa forma, Tim Ingold (2000) e Steil e Carvalho (2012). O movimento pode ser entendido como resposta à crise da representação que dominara as controvérsias antropológicas após a explosão “pós-moderna”. Resposta que foge das versões mais nilistas e autorreferentes do fazer antropológico através da busca de um corte ou redução que passa entre o objeto e o sujeito, apontando para o compartilhamento intersubjetivo da existência humana inserida num mundo sensível e vivido através dos sentidos corporificados. Recriando uma tradição já estabelecida na filosofia, na antropologia a fenomenologia esforça-se por fugir de acusações de “subjetivismo” ao focar em experiências compartilhadas e numa noção de consciência embebida no mundo da vida.

A “antropologia pós-social” pode ser lida como outra, bastante diversa, resposta à crise da representação. Há, porém, um ancestral teórico comum: a inspiração pragmatista, que aparece na versão declaradamente peirciana de Kohn (2013), na influência de William James e outros sobre as praxiografias da teoria ator-rede (Hennion e Monnin 2020), e em propostas como os “encontros pragmáticos” de Almeida (2013). Parece ser aí que as correntes se encontram: na proposta de descrever não o que as coisas realmente são, representações objetivamente verdadeiras, mas sim nos efeitos práticos que elas têm sobre o(s) mundo(s) para as pessoas vivas.

A fenomenologia, em última instância, mira numa preocupação com cernes e essências, sobre o que é, afinal, ser humano – ausente na OT. A busca de Csordas (2016) pelo cerne fenomenológico da religião e pela estrutura existencial do estar-no-mundo exemplifica. Mas passa longe do positivismo e do naturalismo, abandona a preocupação com o “realmente real”, pois volta-se aos fenômenos quais apresentados às consciências. E para consciências como fenômenos que se apresentam a outras consciências. As versões fenomenológicas e hermenêuticas do diálogo antropológico vão em direção a uma espécie de espiral antifundacionista, não limitada a posicionalidades hegemônicas, pois constantemente preocupada em ultrapassar pressuposições. Algo paradoxal e desafiador nessa abordagem é propor um vocabulário conceitual que dê conta de experiências pré-objetivas, que precederiam a sua expressão conceitual-sistemática pela linguagem. Isso pode ser problemático nas versões da fenomenologia mais afeitas à hermenêutica, mais preocupadas com a questão do significado (Ram e Houston 2015).

Já a antropologia simétrica (quando bem-feita), além de antifundacionista, ampara-se em um contexto político pós-colonial (Salmond 2013), mais cética às essências – mesmo espiralares ou circulares. E é nesse sentido que se distanciam de afirmações como essa:

“Sim, é verdade que as experiências estéticas nos movem e transformam o modo como nos compreendemos; sim, é verdade que o caráter é uma virtude; sim, é verdade que a justiça é um ideal humano; sim, é verdade que nenhum ser humano pode dispensar a referência, uma referência contínua, ainda que tantas vezes no *background*, à própria verdade.” (Verde 2017: 158)

Ver Wynter (2003) e Krenak (2020) para críticas (não ontológicas, mas compatíveis com a OT) aos conceitos de humano como o mobilizado aqui. Por outro lado, ver Moten (2021) e Warren (2017) para uma leitura descolonizadora da tradição fenomenológica, contra a ideia de ontologia.

Isso seria apenas um começo, pois uma comparação entre paradigmas necessitaria de mais dedicação (ver Pedersen 2020). Minha elaboração sobre fenomenologia e ontologia ficou no ensaio, quando vi-me diante da acusação de defender “uma ideia dir-se-ia teológica, pelo menos na obscuridade que convida à eterna discussão sobre o seu conteúdo” (Verde 2025b: 283). A alegoria escolhida por Verde – “culto”, “altar”, “templo” – revela em seu pensamento hábitos iluministas-evolucionistas, ancorados na distinção entre saber (meu) e crença (alheia). Ao usar a categoria do religioso como qualificação para diminuir determinado discurso – taxando-o de dogmático e fundamentalista, na suposta recusa ortodoxa de mudar seu ponto de vista –, sabemos qual oposto da religião é mobilizado: a ciência e a filosofia seculares enquanto saberes universalizáveis.

E assim, produzem-se afirmações como: “erros em religião são meramente ridículos, enquanto os erros filosóficos (e também, acrescentamos, os políticos) podem ser, de facto, perigosos” (Verde 2010: 274). Conhecendo a matéria metafísica do mundo, resta ao Homem secular rir dos crentes. Ou: “O antropólogo pode produzir ou guiar a sua investigação por uma teoria da feitiçaria ou da adivinhação, mas isso jamais implica que a feitiçaria e a adivinhação se tornem opções válidas para a sua orientação na vida, e se algum deles se torna feitiçeiro ou entra a adivinhar o futuro, o caso é meramente psiquiátrico” (Verde 2017: 143). Os colegas antropólogos adeptos de religiões afrobrasileiras, que vão aos búzios para resolver dilemas de suas vidas, estariam todos loucos, diz o Homem racional.

Escolhidos de antemão quais saberes sobre o mundo são ilusão, falsidade, loucura, o Homem livre decide onde seus interlocutores nativos têm direito de intervir: reserva-lhes os dignos espaços de falar sobre beleza, justiça e verdade – questões em última análise subjetivas, ainda que, nesta visão pós-positivista, intersubjetivas e culturalmente plurais. Demais temas seriam “exotismo”.

“Temos pouco a aprender com as cosmologias que nos dizem que a Terra tem a forma de um disco, afinal também não há nada de realista a aprender com a cosmologia ptolomaica ou até a kepleriana; teremos também pouco a aprender – porque sobre isso já aprendemos demasiado e tudo o pouco que há para saber – sobre feitiçaria, xamanismo, oráculos e adivinhação, esses temas que apaixonam e tantas vezes esgotam e condenam à irrelevância a curiosidade antropológica; mas temos muito a aprender nesses outros domínios que são a moral e a ética, a especulação metafísica e ontológica e, com um lugar estratégico e aglutinador, a arte.” (Verde 2017: 162-163)

Para mim, as questões com as quais vale a pena “perder tempo” são as que interessam às pessoas com quem trabalho. Sem dúvidas, estética, ética e veracidade estão entre elas. Mas a existência de seres espirituais, a vida após a morte e a estrutura do universo também estão. Algumas soarão absurdas, outras autoevidentes, outras desafiarão minha moral. Óbvio, isso vai depender de quem escolho para dialogar, onde consegui fazer campo, com quem criei afinidade lá. Se me animo quando amigos Saamaka sentam-se sob um ingazeiro e discutem “quantos espíritos uma pessoa tem” (Pires 2015: 107-114), isso revela tanto sobre as questões que movem certos homens em Botopasi quanto sobre minha inculturação na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG e no Museu Nacional da UFRJ dos anos 2000. O gosto por certas teorias e não outras, adquirido nas salas de aulas, ajudou a direcionar meus interesses, mas não é tudo. Escolhi entrar na igreja, ler a Bíblia, tomar banhos de ervas e acompanhar rituais oraculares no Alto Suriname porque meus anfitriões o faziam. Recusando-me a tratar os saberes por eles expressos de “irrelevantes”, “ridículos”, “casos psiquiátricos” ou “perda de tempo”, busco um vocabulário que me permita acompanhá-los. Há vários.

## BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Mauro, 2013, “Caipora e outros conflitos ontológicos”, *Revista de Antropologia da UFSCAR*, 5 (1): 7-28.
- CSORDAS, Thomas, 2008, “A corporeidade como um paradigma para a antropologia”, in Thomas Csordas, *Corpo / Significado / Cura*. Porto Alegre: UFRGS, 101-146.
- CSORDAS, Thomas, 2016, “Assíntota do inefável: corporeidade, alteridade e teoria da religião”, *Debates do NER*, 17 (29): 15-60.
- HENNION, Antoine, e Alexandre MONNIN, 2020 “Du pragmatisme au méliorisme radical: enquêter dans un monde ouvert, prendre acte de ses fragilités, considérer la possibilité des catastrophes”, *Sociologies*, Dossiers 2020. DOI: <https://doi.org/10.4000/sociologies.13931>.
- INGOLD, Tim, 2000, *The Perception of the Environment: Essays on Livelihood, Dwelling and Skill*. Londres: Routledge.
- JACKSON, Michael D., 2015, “Afterword”, in Kalpana Ram e Christopher Houston (orgs.), *Phenomenology in Anthropology: A Sense of Perspective*. Bloomington, IN: Indiana University Press, 293-303.
- KOHN, Eduardo, 2013, *How Forests Think: Toward an Anthropology Beyond the Human*. Berkeley, CA: University of California Press.
- KRENAK, Ailton, 2020, *A Vida Não É Útil*. São Paulo: Companhia das Letras.
- MOTEN, Fred, 2021, “Ser prete e ser nada (misticismo na carne)”, in C. Barzagho, S. Paterniani e A. Arias (orgs.), *Pensamento Negro Radical: Antologia de Ensaio*. São Paulo: Crocodilo, 131-192.
- PEDERSEN, Morten Axel, 2020, “Anthropological epochés: phenomenology and the ontological turn”, *Philosophy of the Social Sciences*, 50 (6): 610-646.
- PIRES, Rogério Brittes W., 2015, *A Mása Gádu Kóndë: Morte, Espíritos e Rituais Funerários em Uma Aldeia Saamaka Cristã*. Rio de Janeiro: Museu Nacional, UFRJ, tese de doutorado.
- RAM, Kalpana, e Christopher HOUSTON, 2015, “Introduction: phenomenology’s methodological invitation”, in Kalpana Ram e Christopher Houston (orgs.), *Phenomenology in Anthropology: A Sense of Perspective*. Bloomington, IN: Indiana University Press, 1-25.
- SALMOND, Amiria J., 2013, “Transforming translations (part 1): ‘the owner of these bones’”, *HAU: Journal of Ethnographic Theory*, 3 (3): 1-32.
- SALMOND, Amiria J., 2014, “Transforming translations (part 2): addressing ontological alterity”, *HAU: Journal of Ethnographic Theory*, 4 (1): 155-187.
- SEALE-FELDMAN, Aidan, e Luis Felipe MURILLO, 2023, “Thomas Csordas”, in Kleyton Rattes, Marcelo Mello e Simone Silva (orgs.), *Antropologia: Ensino, Pesquisa e Etnografia Hoje*, vol. 1. Niterói: Eduff, 67-100.
- STEIL, Carlos, e Isabel CARVALHO, 2012, “Diálogos imaginados entre Tim Ingold e Thomas Csordas”, in Silvia Citro e Yanina Mennelli (orgs.), *Cuerpos y Corporalidades en las Culturas de las Américas*. Buenos Aires: Biblos, 1-16.
- VERDE, Filipe, 2010, “Tambores de mortos? Sobre um estudo etnográfico da democracia em Iheus, a antropologia feita em casa e a falácia do apelo à crença”, *Anuário Antropológico*, 35 (1): 265-277.
- VERDE, Filipe, 2017, “Fechados no quarto de espelhos: o perspectivismo ameríndio e o ‘jogo comum’ da antropologia”, *Anuário Antropológico*, 42 (1): 137-169.

- VERDE, Filipe, 2025a, “Estrangeiros universais: a ‘viragem ontológica’ considerada de uma perspectiva Fenomenológica”, *Etnográfica*, 29 (1): 251-271.
- VERDE, Filipe, 2025b, “Resposta a Rogério Pires”, *Etnográfica*, 29 (1): 283-286.
- WARREN, Calvin, 2017, “Black mysticism: Fred Moten’s phenomenology of (black) spirit”, *Zeitschrift für Anglistik und Amerikanistik*, 65 (2): 219-229.
- WYNTER, Sylvia, 2003, “Unsettling the coloniality of being/power/truth/freedom: towards the human, after man, its overrepresentation: An argument”, *CR – The New Centennial Review*, 3 (3): 257-337.